

Avistar a Árvore Queimada: desejar o caminho dentro da prática artística

To see the Burnt Tree: to desire the path within artistic practice

LETÍCIA MIRANDA

Universidade de Brasília, UnB - Brasil

RESUMO

Partindo da formulação de uma performance coletiva, o presente artigo busca esmiuçar o impacto de comungar com a paisagem e olhar o cotidiano através da lente do desejo. O início das reflexões é o encontro com uma Árvore Queimada avistada da janela do transporte coletivo. A paisagem se torna companheira e destino. O planejamento e a execução das etapas aqui apresentadas se deram no contexto do evento “Coordenadas”, vivido e construído no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília.

PALAVRAS-CHAVE

Performance, cotidiano, árvore.

ABSTRACT

Starting from the formulation of a collective performance, this article aims to delve into the impact of communing with the landscape and of viewing everyday life through the lens of desire. The reflections begin with an encounter with a burnt tree glimpsed from the window of public transportation. The landscape becomes both companion and destination. The planning and execution of the stages presented here took place within the context of the event “Coordenadas,” conceived and developed in the Postgraduate Program in Arts at the University of Brasília.

KEYWORDS

Performance, everyday life, tree.

1. O encontro depois da fumaça

Observar as paisagens a partir de um transporte público é parte do meu cotidiano e da minha formação artística. A partir da janela do ônibus encontrei as cores e seus limites, passei a enxergar detalhes e mudanças mínimas na paisagem (conforme as estações). Nessa pequena tela aprendi a ver o Cerrado invadir os dias, me dizer das queimadas, das ações humanas e da pressa em ocupar o que era só vegetação.

Minha vida inteira morei no Distrito Federal/DF, primeiro na Região Administrativa XIV (São Sebastião), depois na Região Administrativa VII (Paranoá) e atualmente na Região Administrativa XXVIII (Itapoã). Todas essas cidades são periferias, lugares onde a infraestrutura é precária e a falta de direitos básicos é perceptível. Os projetos culturais, por exemplo, costumam aparecer de maneira

pontual e descontínua. Sendo assim, para acessar aparelhos culturais preciso, ainda hoje, me deslocar em direção ao Plano Piloto via transporte coletivo. Esse ir e vir começou cedo, ainda criança. Nessas travessias, de pelo menos uma hora, passei a “aproveitar” o tempo ocioso para ler, ouvir música, dormir... e para olhar junto ao vidro a movimentação do mundo.

Ao enxergar a janela como possibilidade, pude avistar uma Árvore completamente queimada, apresentada na Figura 1. Arrisco dizer que esse encontro se deu há mais de dez anos. No início, só olhava de relance, sem muito interesse. Porém, a cada dia, após atravessar a Ponte Juscelino Kubitschek (JK), no sentido Plano Piloto, Ela me chamava baixinho como quem sussurra.



Figura 1 - Fotografia da Árvore Queimada em contra-plongée. Fonte da autora.

Recorrentemente, o ônibus para bem próximo dessa Árvore e posso então contemplá-la. Nunca tinha pensado em ir até Ela, me satisfazia olhar de longe. Foi na disciplina “Métodos de deriva e outros deslocamentos”, ministrada pela professora doutora Karina Dias, dentro do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade de Brasília (UnB) que ensaiei uma primeira aproximação. Em nossa primeira aula, algumas propostas surgiram, entre elas uma ideia de esquadriñar o cotidiano. O que ainda não foi visto? Como olhar de novo? Onde algo se transforma? Abastecida dessas perguntas, me movi em direção à Árvore. Esse

movimento surgiu no contexto do evento “Coordenadas”, ocorrido no primeiro semestre de 2025.

O evento é uma ação coletiva desenvolvida pelos artistas-pesquisadores (mestrandos e doutorandos) do PPGAV/UnB inscritos na disciplina. A cada edição o evento tem um mote e os artistas são convocados a elaborar projetos artísticos para serem experienciados em coletivo, a céu aberto, ocupando os espaços públicos do Distrito Federal, como explica Karina Dias, na conta oficial do evento¹:

Os trabalhos expostos reverberam as questões trabalhadas em sala de aula durante o semestre, entre elas: E se o futuro fosse geopoético? Estar do lado de fora. Pensar a céu aberto e em deslocamento. Estar sob um céu, desfrutar, como escreve Thoreau, a amizade das estações. Ao ar livre estamos com a Terra, habitamos a paisagem. Estamos no coração do presente. Ativar então correntezas, reencontrar os ventos, as imagens que fazem tremer o universo, ouvir vulcões, estar com as geleiras, escutar o grito que vem de longe (Dias, 2025).

Nesse contexto nasceu a performance “Uma coceirinha de distância dos meus dedos”, criada para ser executada coletivamente, tendo como referência a Árvore que atravessou meu caminho. Dois apontamentos, feitos por Dias, deveriam ser levados em consideração: o porquê do lugar escolhido e compreender como ser companheira desse lugar. Sendo assim, apresento aqui as etapas de construção do trabalho, passando pelo planejamento, execução e pensamentos que surgiram após a vivência.

2. Alcançar as bordas: planejar a chegada

Encarar uma paisagem como enunciativa de futuros permite mergulhar e enxergar o que era mera passagem. Nessa imersão, algo acende e amplia os olhos. Fazer o mesmo trajeto diariamente proporcionou uma aproximação. Ao ser convocada por uma Árvore, o caminho ganhou profundidade, gerando expectativa e um senso de urgência — algo precisava ser feito. Os anos que separam o encontro e a performance serviram para gestar o desejo e mapear as possibilidades.

Seguir as pistas foi uma maneira de entender como agir. A primeira indicação veio com o filme “Fio da memória” (1991) do cineasta paulista Eduardo Coutinho. O filme foi rodado no ensejo do centenário da abolição da escravidão no Brasil e aponta

¹ <https://www.instagram.com/coordenadasunb/>

para os modos de sobrevivência da população negra no país. Na montagem do filme, as vozes se complementam e se constituem. Assim, a fala aparece como atestado de existência. Diante das câmeras, os personagens inauguram um jeito de perpetuar suas vivências, que ficaram marcadas e registradas na película do filme. Esse movimento levanta uma questão relevante para o fazer artístico: de que maneira artistas-pesquisadores perpetuam a relação com a paisagem? Em certa medida, as imagens e as falas descortinam ideias e ampliam desejos. A cor não é limite, é possibilidade, como demonstra a sinopse do filme:

O filme procura condensar, em personagens e situações do presente, a experiência negra no Brasil a partir de dois eixos – as criações do imaginário, sobretudo na religião e na música, e a realidade do racismo, responsável pela perda de identidade étnica e pela marginalização de boa parte dos milhões de brasileiros de origem africana² (Instituto Moreira Sales, s.d.).

Após mergulhar na imensidão captada por Coutinho, fiquei pensando na Árvore Queimada, no símbolo de resistência que evoca. A paisagem avistada de dentro do ônibus confirma que aquela Árvore continua segurando o corpo no mundo, firmando sua existência. A cada visada (e considerando a velocidade do ônibus), sua estrutura parece dançar em um balanço suave. O negro, agora parte de seu tronco, evidenciava a preciosidade de ver além do que queima. Queria agora buscar por um léxico, observar esse terreno e ver o que aparece, como decanta. Seguindo os rastros da terra, comecei a pensar quais palavras, imagens, sons, toques e cheiros poderiam sair dali.

A caminho da aula, na UnB, vi a dançarina. Tinha que ser ali, no SCES trecho 3 oposto, lote 6, como mostra a Figura 2. Letras e números que apontam para o lugar exato, para o desejo de circundar e conviver com um ser corpulento. Decidi então visitá-la, como quem vai a um terreno se apresentar, pedir licença. Em um domingo de Sol tomei o ônibus e, finalmente, desci no ponto que leva até a Árvore. Câmera na mão e a ânsia de tocá-la. Foram cerca de 30 minutos ali, encontrando ângulos, entendendo sua formação e como andar por entre o mato alto. Enquanto me voltava para a Árvore, um som de mar me balançou. De onde vinha? Foi quando tomei consciência das duas pistas, cada uma com três faixas, que estavam logo atrás, eu precisaria atravessá-las para ir embora e tomar a condução para casa.

² <https://ims.com.br/filme/o-fio-da-memoria/>



Figura 2 - Imagem capturada no Google Maps indicando o local da Árvore. Fonte da autora.

Partir foi como dizer até logo, eu voltaria e traria companheiros. Não havia dúvidas de que minha contribuição ao “Coordenadas” seria ali. Nesse retorno para casa, avistei a Árvore de uma distância e pude confirmar: Ela dança e parece uma escultura em bronze feita por Maria Martins. Uma matéria lapidada e esculpida, fincada no meio do Cerrado. O gestual da Árvore se assemelha ao gestual da obra “Prometeu II”, vide Figura 3. Assim, voltar os olhos para Martins colocou Prometeu em destaque, o deus-titã sacrificado por Zeus:

por ter ousado proteger os humanos, roubando dos deuses e dando a eles o fogo, símbolo de todas as artes e técnicas de que os seres humanos, então, eram desprovidos. Ele representa a imagem arquetípica da prospecção, da previsão e, portanto, da manipulação do tempo; ou seja, da inserção do homem em uma nova dimensão do tempo. (Azambuja, 2013, p.19).



Figura 3 - Maria Martins, Prometheus I, 1949, Bronze, 57,5 x 51,5 x 36 cm. Coleção Geneviève e Jean Boghici. Fonte: Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM.

Prometeu lançou sobre os humanos a chama, abrindo margem para o tempo passar, para as movimentações manuais. Olhar para a escultura de Martins é ver mãos abertas, derretidas pelo fogo; delas escorre a matéria. Ele se movimenta, gesticula. Com as palmas viradas para cima e os dedos direcionados para baixo, ele não desarma o movimento e segue firme em sua base fundida. Em circunstâncias distintas, depois de encontrar as chamas, Prometeu e a Árvore Queimada passam a ser sujeitos; o que os conecta é a ardência, o processo de criação; depois das flamas, se abrem ao mundo, transmutados e refeitos - agora são outros.

Diante de um lugar, de um filme e de uma escultura, a performance ganha silhueta. É costume durante a disciplina de “Métodos de deriva” apresentarmos o andamento do projeto à turma. Esses primeiros pensamentos e imagens foram dispostos aos colegas assim como algumas indicações, entre elas estão: observaremos a Árvore Queimada, investigando quais gestos Ela sugere e/ou faz surgir; não há um horário específico para a execução da proposta, a única demanda é que seja no período da manhã, por volta das 09h; a duração total é de 1 hora; é interessante ir com uma roupa comprida (calça de preferência) e sapato fechado; levar repelente; cangas e panos para sentar; olhos atentos. Ao construir o evento, Dias propõe a elaboração de um cronograma, pensando na distribuição dos locais escolhidos pelos discentes e nas possíveis preferências de horário, levando em

consideração a maior adesão e presença de todos os envolvidos. Por se tratar de uma universidade pública, o evento é aberto; dessa forma, ter uma programação fechada com localização e horário é primordial, pois essas informações são divulgadas nas redes sociais.

Escolhido o local, foi preciso entender como me colocar (e colocar os envolvidos) em relação com esse ambiente, como olhar para esse ser firmado em fuligem. Optei por uma observação guiada, construída a partir da escrita de quatro mulheres negras: a estadunidense Saidiya Hartman, a brasileira Beatriz Nascimento, a portuguesa Grada Kilomba e a estadunidense Maya Angelou. Partindo de perspectivas diferentes, essas autoras se unem pela raça e pela ausência; elas versam sobre o impacto do apagamento e do esquecimento. Essas instâncias fazem parte da base que sustenta a performance “Uma coceirinha de distância dos meus dedos”.

2.1 Planejar a chegada ou ter companheiras de viagem

Eleger um caminho é avistar outros corpos, outras companhias. Gestar uma quimera é debruçar-se sobre cada etapa sem pressa, como diz Prisca Agustoni, poeta suíça radicada no Brasil, “(...) o tempo que cava no tempo, a matéria que rói a matéria” (2025, p.132). E para atravessar essas fronteiras tomo vozes que dão contorno aos pensamentos. Assim chegou Maya Angelou, como se trazida pelo vento. Encaro suas palavras como reconhecimento, ali somos semelhantes e isso expande os olhos. Não ser sozinha, partilhar o caminho.

Um pouco além do meu alcance,
uma coceirinha de distância dos meus dedos,
estava o leito do rio
e o caminho certo para casa.

Agora, Debaixo da minha caminhada,
sem parar até a China,
toda a terra é horror
e a noite escura, longa.

Então, Antes do amanhecer,
brilhante como o sorriso de demônios,
chegou a descoberta temerosa
de que minha vida se foi (Angelou, 2020, p.228).

No “caminho certo para casa”, um desvio. Nessa caminhada, encontramos a escuridão e o fim da estrada é a morte. Apesar da dureza do poema, o segundo verso é a distância que me toca. Poderia ser um piscar de olhos, mas é “uma coceirinha”, um impulso sutil, mas incomodativo; algo tão pequeno gera tamanha mudança. Assim, desviar do leito do rio é perder de vista “o caminho certo para casa”. Quando amanhece, chega “a descoberta temerosa”, o arrepio, a constatação: a “vida se foi”. Os gestos (bem pontuados) saem de um ponto a outro, impedindo que os raios de Sol cheguem, e desembocam no assombro. Com essa caravana, percebi a urgência em notar a transformação da paisagem; há uma indicação nessa modificação, pois quando o cenário muda, o destino é alterado. O título do trabalho vem daqui, assim como a necessidade de pensar as circunstâncias de aproximação. Esses pontos de convergência e abertura possibilitam ver o transcorrer dos fatos. A *Árvore Queimada* é uma inscrição do tempo, da transmutação da paisagem e do medo de que “antes do amanhecer” a sorte mude.

Por meio da fuligem, vejo o que não pode mais ser ignorado. A janela do ônibus possibilitou o encontro. E na rapidez da estrada, tudo fica embaçado, pois ver é turvo, por isso, é preciso cavucar. O revirar permite reivindicar, buscar por outras formas de dizer e narrar. Só poderia fazer isso com a presença de minhas semelhantes, partilhar da terra e do chão, confrontar as estruturas armadas. Nessa toada, reescrevo a minha mesma, um corpo negro no mundo, uma matéria tão comum, tantas vezes esquecida pela História. Assim, chamo para perto Grada Kilomba, ouço sua voz anunciar: “um fato é que quem tem pouco ou nenhum poder é categorizado assim, na ausência” (Kilomba, 2020, p.15). Se estamos em um lugar de inexistência, desejo olhar para o que não-está, ali se encontra a força pungente e afiada. Quero me fundir à *Árvore Queimada* juntas seremos uma só. Todos verão nosso corpo, nossa impaciência, nosso rastro. No inconsciente é onde mora os modos de construir outro mundo (Nascimento, 2021, p.46).

Comungar com o espaço é apostar em outra forma de visualizar as arestas do tempo. Olhando para Beatriz Nascimento, um brilho novo se apresenta. Quando

ela afirma que só nos resta o inconsciente, uma fenda rasga o chão, abrindo espaço para pensar na “fabulação crítica” de Hartman. Por meio da reescrita (da História), conseguiremos ser compreendidos, diz Nascimento. E isso não se dará por generosidade do mundo, mas por insistência. Essa medida se apresenta quando nossos corpos passam a ser fluxo de criação. O percurso de corpos negros além-mar, ao longo dos séculos, tem evidenciado que, por mais que tentem, sistematicamente, não é possível riscar nossa presença da História. Como propõe a intelectual brasileira, “devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando” (Nascimento, 2021, p.45). Para a autora, a História do negro brasileiro ainda está por ser feita (Nascimento, 2021, p.45).

3. Movimentar o corpo

A cada edição, o evento “Coordenadas” ganha um adjetivo escolhido de maneira coletiva por todos os discentes da disciplina. Em geral, essa característica tem a ver com elementos, questões e pontos em comum dentro das propostas. Em 2025, especificamente, não houve consenso quanto a essa escolha, muitos trabalhos falavam diretamente com a terra, outros tantos com a água e até com o ar. Diante do impasse, optamos por chamar o evento de “Descoordenadas”, como uma forma de encarar a diferença como possibilidade de comunhão, quebrar a bússola e partir para o mundo, juntos. Pelo nome foi possível ampliar nossa compreensão do outro, fortalecendo a importância de nos colocarmos em estado de atenção quando diante de um trabalho artístico.

No dia 28 de julho de 2025, experimentei esse desejo de presença, especialmente quando percebi a chegada dos meus colegas ao local escolhido, à Árvore Queimada. Antes de vê-los atravessar as duas pistas que nos separavam, me aproximei do tronco chamuscado, pendurei sobre ele uma pequena folha de papel vegetal (é possível vê-lo na Figura 4) contendo um trecho do livro “Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão” com os seguintes dizeres:

todo mundo me contou diferentes versões sobre como as escravas começavam a esquecer seu passado. Palavras como “zumbi”, “feiticeira”, “bruxa”, “súcubo” e “vampiro” eram sussurradas para explicar o que ocorreu. Nessas histórias, que circulavam pela costa oeste da África, os detalhes variavam, mas todas se encerravam da mesma maneira – a escrava perde a mãe. Nunca a cativa optou por esquecer; ela sempre era induzida,

enganada ou enfeitada para esquecer. Amnésia, como um acidente cerebral ou um golpe de má sorte, não era nunca um ato voluntário.

Quando perguntei “O que aconteceu com aqueles levados pelos mares?”, as pessoas repetiam histórias antigas nas quais ervas, banhos, talismãs e encarnações transformavam os escravos em autômatos vazios e passivos. Em Ajudá, que foi um importante porto na Costa dos Escravos, um estudante universitário me disse que os escravos tinham de passar por uma mata que induzia ao esquecimento, ou que eles davam voltas na árvore do esquecimento. As mulheres tinham que dar sete voltas; os homens, nove, como forma de esquecer suas origens e aceitar a condição de escravo. (Hartman, 2021, p.240-241).



Figura 4 - Fotografia da Árvore com o papel vegetal pendurado. Fotografia: Tainá Xavier.

Ter uma Árvore como referência não era mais mera coincidência. Após a escolha do lugar, retomei a leitura desse livro, foi quando as pontas soltas começaram a se encontrar. Fui atraída pela fumaça, pela seca, pelo fogo e foi preciso dar o primeiro passo para o caminho se apresentar. Ao lado de Saidiya, alcancei uma profundidade ainda não experimentada: perder a mãe é perder o contorno do mundo, é não saber voltar para casa. A Árvore era agora, em certa medida, meu destino (de meus colegas), mas não estávamos ali para destruir o passado e matar a mãe, estávamos ali para descortinar a visão.

Diante da vídeo-performance “L'arbre d'Oublier [Árvore do Esquecimento]” (2013), de Paulo Nazareth, colocar-se em relação com um corpo vegetal encontra consonância. Ao movimentar-se de costas (como é possível ver na Figura 5), circundando a árvore 437 vezes, o artista rebobina a História como quem diz não ao esquecimento, como aponta Fernanda Dusse, em seu artigo intitulado “Criar, citar, esquecer: o conceito de performance por um panorama histórico”:

A performance de Nazareth propõe, então, um ritual de lembrança: ao circular reversamente a árvore, de forma lenta e insistente, o artista traz à tona o capítulo mais cruel da história do Ocidente. Nessa anamnese coletiva, que age contra o cômodo esquecimento dos horrores que legitimaram o progresso e o desenvolvimento global, a ação performática mobiliza diferentes tempos. O passado é resgatado quando a obra exige que o receptor conheça os acontecimentos históricos que tornam Ouidah um centro da história ocidental, e nesse sentido é fundamental observar como o movimento de Nazareth se opõe à permanência estática do traficante negreiro que está homenageado na praça pública. Nos círculos que desenha, o artista contrasta o tempo progressivo e linear, pelo qual a história moderna é vista, com um tempo próprio dos rituais ou da memória, que se transforma enquanto se repete. Assim, Nazareth traz para o presente a história da escravização: sua caminhada é retomada, mas é também atualização, possibilidade de encontro e de crítica da história. Finalmente, a escolha por uma videoperformance possibilita a reprodução da cena e amplia o resgate da memória a que ela remete. (Dusse, 2022, p.2).

A memória é o lastro mais forte. Agora, a Porta do Não Retorno está aberta, escancarada. Voltamos e voltaremos sempre. Não há como apagar a brutalidade inscrita sobre Ouidah e tantos outros portos de tráfico negreiro. Porém, a vida acendeu do lado do Oceano e hoje, podemos contornar o tempo e escrever o que um dia desejaram que esquecêssemos. Movimentar o corpo é uma maneira de bradar contra o controle e ampliar a visão, ver mais longe sem esquecer o que se inscreve tão perto, como a Árvore Queimada.



Figura 5 - Paulo Nazareth, L'arbre d'Oublier [Árvore do Esquecimento], 2013, frame de vídeo-performance. Disponível em: <https://vimeo.com/199736235>

Quando apresentei as ideias em sala, não revelei tudo (por recomendação da professora que nos pediu para manter algum mistério). Todos tinham as recomendações de vestimentas, itens e outros objetos que poderiam ser importantes e a informação de que passaríamos um tempo convivendo com a Árvore. Eles ainda não sabiam como se daria tudo isso.

Próximo do horário combinado, a turma chegou, vinha em grupos, compartilhando caronas. Estacionaram e esperaram mais integrantes se juntarem; eles deveriam correr, com certa agilidade, para passar as duas pistas. É um ponto onde há um volume de carros e ônibus, cujo limite permitido na via é de 80km/h. Foi nesse momento que percebi o medo de alguns colegas; fazer aquela travessia não era simples e alguns tinham receio de não conseguir. Era preciso calcular o tempo do carro, o tempo do corpo e o tempo do passo. O percurso ia começar. Todos se reuniram na borda e partiram, em tempos diferentes. Entre uma pista e outra há uma faixa que as separa, ali eles pararam, como mostram as Figuras 6 e 7. Eu, do outro lado, acenava ansiosa. A trilha sonora que nos mantinha unidos vinha da pista, da velocidade dos carros, era o som do mar.



Figuras 6 e 7 - Travessia dos discentes e artistas da disciplina “Métodos de deriva”. Fotografia: Tainá Xavier.

Depois de nos cumprimentarmos, nos reunimos em círculo próximo à Árvore. Entreguei um envelope para cada pessoa e orientei que se afastassem do tronco encontrando uma distância própria. Quando achassem esse lugar, poderiam ler o que estava contido na pequena carta e começar a observação. Solicitei que durante a performance, não usássemos nenhum tipo de aparelho eletrônico³, para que pudéssemos experimentar imergir em um fuso horário próprio. Cada passo descrito no pequeno texto era um convite para olhar, dizer e tocar, as indicações podem ser vistas na Figura 8.

As coisas têm as suas raízes
Confúcio

Ela procura por mim, apareço apenas quando posso
Aline Motta

Marco zero

Ver por meio da fumaça é assustar os olhos. A ardência não dita o percurso. O que importa é o movimento desejante de manter os olhos abertos. É preciso ver além do que queima.

Diante dessa árvore (negra como a noite) há uma voz que canta o passado, bem baixinho - fica do lado esquerdo do canal auditivo. Uma ladainha bem ritmada, responsável por enegrecer os dias. Os intervalos são cadenciados. Os buracos, os silêncios e os espaços vazios são a substância do que se foi; a voz marca a presença dos vestígios.

Tente ouvir.

Uma coceirinha de distância dos meus dedos

Se dirija as adjacências da árvore, explore o perímetro. Estabeleça uma distância. Esses dois movimentos irão te aproximar desse ser que canta.

Em sua distância, comece a sussurrar (bem baixinho):

*É preciso caminhar
em direção
às bordas do tempo*

Repita esses versos sete vezes seguidas. Faça isso olhando para a árvore. Observe bem seus galhos e suas sombras. Depois das sete vezes, dê pequenos passos em direção a árvore enquanto repete essas palavras. Faça tudo bem devagar. Deixe o vento chegar nos ouvidos. Repita, pare, repita, ande. Intercale seus gestos. Tente perceber o canto no ouvido esquerdo. Tente ver a árvore dançar, no ritmo.

Quando chegar perto da árvore, repita mais uma vez essas palavras enquanto toca sua estrutura. Investigue o tronco. Sinta.

Tente ouvir.

Figura 8 - Conteúdo da carta que estava no envelope entregue aos participantes. Foto da autora.

Se as mulheres negras, antes de serem lançadas em um navio negreiro e escravizadas, precisavam dar sete voltas ao redor da árvore do esquecimento, agora, diante da Árvore Queimada, todos precisávamos encontrar a entonação para vermos

³ É importante frisar que a ação foi filmada pelo músico Lucas Marques, cujo nome artístico é Dioka, e fotografada pela artista visual Tainá Xavier. Apesar de haver a solicitação para os participantes não usarem aparelhos eletrônicos, me pareceu relevante ter registros desse dia.

além das beiradas, repetindo baixinho: “é preciso caminhar/em direção/às bordas do tempo”. Juntos, buscamos traçar um ritmo, a fim de visualizar as sombras e escutar o canto do vento, investigamos com os olhos e com os dedos as adjacências, partilhando do silêncio e da caminhada. À medida que a observação se desenrolava, os participantes foram mergulhando no universo da Árvore, cada um no seu tempo e no seu passo. Enquanto eu repetia a ladainha baixinho, observava meus colegas, tentava encontrar naquele espaço nossos pontos de contato. Ao chegar ao tronco, passar a mão sobre a fuligem, sujar os dedos, pude notar olhos marejados e um eco silencioso que emitimos. Éramos um conjunto uníssono, envoltos pelas palavras sussurradas.

Quando todos estavam acomodados ao redor da Árvore Queimada, aos poucos fomos retomando as palavras audíveis. Compartilhamos impressões sobre a observação, considerando as singularidades e os efeitos de realizar tal movimento em coletivo. Por fim, nos envolvemos em um abraço (ver Figura 8) e firmamos um acordo: nunca iremos nos esquecer dessa Árvore. Sempre a veremos como lastro de nós, de nossas andanças lado a lado, percorrendo o DF com ações e desejos para ver melhor o cotidiano. Para mim, dividir esse espaço foi como partilhar um ponto de vista, insistir em deixar à vista uma presença marcante — ver pelo olho do outro um corpo que resiste.



Figura 9 - Abraço coletivo ao final da performance. Fotografia: Tainá Xavier.

4. Depois de caminhar, recolher-se!

Povoando o mundo com meu corpo negro, percebi o impacto de comungar com o ambiente. Por vezes, o acolhimento comparece, em outros momentos, à hostilidade. Pôr-se em relação é considerar o risco. Ir e voltar. Experimentar o gosto do mundo e recolher-se. Após viver a performance de forma coletiva, precisei de alguns meses para digerir os passos dados naquele 28 de julho. Esse afastamento proporcionou um olhar cadenciado. Uma hora de relógio que mudou a maneira de sentir os arredores.

Quando planejei a proposta para o “Descoordenadas”, não pude prever o chacoalhar do meu corpo sobre a terra. Enquanto sussurrava os versos, “é preciso caminhar/em direção/às bordas do tempo”, senti um balanço lento das articulações, a musculatura relaxada parecia flutuar e minha cabeça estava sintonizada com as palavras. Lembrar dessa sensação me faz articular uma observação: os versos soprados ao vento não eram palavras em vão, eram o desejo de alargar o mundo, mesmo que por alguns minutos. À medida que me aproximava da Árvore Queimada pensava nas voltas que milhares de corpos negros deram para perder a mãe, para esquecerem a terra que habitavam. Esqueciam ou simulavam o esquecimento para tentar sobreviver? Ou fingiam esquecer para então guardar em um lugar profundo e seguro, a salvo da dominação? Nunca saberemos. Mapear e projetar uma observação foi o mais perto que cheguei de fabular uma resposta.

A Árvore próxima da Ponte JK não era uma reprodução da árvore do esquecimento, usada como mecanismo de morte durante o período colonial. A Árvore que vi (e sigo vendo) no dia a dia é um lembrete da força bruta que atravessa o cotidiano. Ali, queimada, ignorada, esquecida, Ela convoca o olho a investigar (ao menos, foi o que me tocou). Sua resistência não é mera factualidade, Ela dança. Seu movimento lembra estátuas, gestos e outros volumes, porque segue viva apesar de... Essa teimosia instiga. Como Ela tem resistido ao tempo? Isso levanta em mim o desejo de insistir como Ela insistiu. Ainda que escamoteada na estrada e sem produzir frutos ou folhas, Ela se impõe, se faz vista. Me pergunto quem mais a enxerga. Será que outros passantes (muitas vezes apressados) já notaram seu balanço?

Eleger esse lugar como ponto de partida para uma ação coletiva foi a maneira que achei de convocar meus colegas para verem o não-visto, considerando a perspectiva de uma artista periférica, que vagueia pela cidade de transporte público. Alguns dos participantes já haviam passado ali, mas nunca repararam na Árvore Queimada. O exercício de deslocar o corpo abre espaço para o sentir. Ali, não éramos

(eu e Árvore) invisíveis, éramos o convite, o motivo. Abrimos, juntas, espaço para o que estava invisível. A partir dali, aquele território não era simplesmente estrada, era motivo de comunhão, de memória.

Depois de percorrer esse trajeto, o desejo de ver se avolumou. Sempre que vejo essa Árvore, renovo os votos, sinto meu centro firme. Elaborar essa performance moveu muita coisa do lugar. O que antes era mera passagem, virou terreno fértil.

Quando alcançamos nosso “ponto final” e nos reunimos ao redor da Árvore Queimada, pudemos olhar olho no olho, notar como os corpos conversavam, tatear o outro em busca de reconhecimento. Conversamos sobre a dimensão simbólica, mas também sobre o que nos atingiu em cheio ao nos colocarmos em silêncio, ao repetir três versos como ladainha⁴ enquanto ouvíamos o som do mar. Havia uma sintonia.

Ter a chance de participar dessa disciplina, que envolve a construção coletiva de um evento desse porte, abriu meu corpo e meus olhos. Pude compreender os aspectos mais profundos de ser a única mulher negra em uma turma com vinte discentes. Pude ser recebida com olhares generosos que viram na minha proposta artística a chance de encarar a si mesmos. Pude olhar para meu trajeto cotidiano e criar uma relação densa e profunda, perceber o quanto a paisagem se transforma à medida que nos vemos nela. Diante de uma distância mínima, notei o tempo correr lento, o peso da terra sobre meus pés e a promessa de enxergar além da superfície. A Árvore Queimada, fincada no terreno seco do Cerrado, é presença.

Referências

AGUSTONI, Prisca. Degelo. In: **Quimera**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2025, p.132.

ANGELOU, Maya. **Poesia Completa**. Trad. Lubi Prates. Bauru: Astral Cultural, 2020, p. 228.

AZAMBUJA, C. C. (2013). **Prometeu**: a sabedoria pelo trabalho e pela dor. Archai, n. 10, jan-jul, p. 19-28. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/8361>. Acesso em: 28 fev. 2026.

DIAS, Karina. **Texto do post**. Brasília, 13 de Junho de 2025. Instagram: @coordenadasunb. Disponível em:

⁴ Ao invés do mantra, a ladainha é convocada, pensando especificamente no vídeo-poema é Victor Heringer, intitulado “mamãe lia a sorte no açúcar”. Disponível em: <<https://youtu.be/PNh0u8u2yo8?si=aSfNn3npBEDhQzfN>>. Acesso em: 28 fev. 2026.

https://www.instagram.com/p/DK1rszusDoT/?img_index=4&igsh=MWhxcjExMHhwMHp1eg==. Acesso em: 28 fev. 2026.

DUSSE, F. **Criar, citar, esquecer**: o conceito de performance por um panorama histórico. In: Intercom, 2022, João Pessoa. 45o Intercom, 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0713202210570862cecf343d531.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2026.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe**: uma jornada pela rota atlântica do tráfico de escravizados. Tradução de Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HERINGER, Victor. **Mamãe lia a sorte no açúcar**. YouTube, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNh0u8u2yo8>. Acesso em: 28 fev. 2026.

INSTITUTO Moreira Sales. O fio da memória (Sinópse). Disponível em: <https://ims.com.br/filme/o-fio-da-memoria/>. Acesso em: 28 fev. 2026.

KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020, p. 11–16.

NASCIMENTO, Beatriz. Intelectualidade, relações raciais e de gênero. In: **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p.46.

NAZARETH, Paulo. **L'arbre d'Oublier** [vídeo]. Vimeo, 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/199736235>. Acesso em: 29 jun. 2026.

Sobre a autora

Letícia Miranda (1996) vive e trabalha em Brasília. É poeta, artista visual, integrante do Clube de Colagem de Brasília, formada em Letras pela Universidade de Brasília (UnB), especialista em Fotografia pela Faculdade Unyleya, mestra em Artes Visuais pela UnB, doutoranda em Artes Visuais pela UnB e professora de Língua Portuguesa na Educação Básica.

leticiadsmiranda@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1667319648423345>

<https://orcid.org/0000-0001-6028-0700>

Recebido em: 28-02-2026. Artigo avaliado por pares em duplo-cego e revisado editorialmente

Como citar

MIRANDA, Letícia dos Santos. Avistar a Árvore Queimada: desejar o caminho dentro da prática artística. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 7 n. 1, p. 67 – 83, jan. – jul. 2026. <https://doi.org/10.14393/EdA-v7-n1-2026-81>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.